

ESCOLA BÁSICA DA VENDA DO PINHEIRO
LÍNGUA PORTUGUESA
FICHA DE AVALIAÇÃO – 9.º ANO

Prof.ª Sílvia Rebocho

GRUPO I

Relembra os episódios “Adamastor” e “Tempestade” de *Os Lusíadas* e refere se as afirmações seguintes são verdadeiras (V) ou falsas (F). Corrige estas últimas.

1. O narrador do episódio “Adamastor” é Vasco da Gama.
2. O aparecimento do gigante não provoca qualquer sentimento nos marinheiros portugueses.
3. O gigante reconhece o valor do povo português.
4. Pela sua coragem, o gigante diz que recompensará todos quantos, após aquele momento, passem nas suas águas.
5. As profecias do gigante referem-se a acontecimentos passados (analepse).
6. Camões usa o discurso do Adamastor para contar factos posteriores à viagem de Vasco da Gama.
7. Este é um episódio descritivo.
8. A primeira estrofe do episódio “Tempestade” estabelece a transição brusca da repousada despreocupação dos marinheiros para a agitação da tempestade.
9. Os marinheiros, amedrontados, atuam desorientadamente, enquanto as ordens do mestre revelam rigor e alguma aflição.
10. A força da tempestade apenas tem efeito nas naus portuguesas.
11. Vasco da Gama dirige uma prece sentida aos deuses.
12. Neste episódio apenas está presente o maravilhoso pagão.

GRUPO II

Lê o texto de Teresa Violante (*Gingko*, 7 de outubro de 2008) e realiza as atividades propostas.

LIVROS À SOLTA

- 1 OS ADEPTOS DO **BOOKCROSSING** QUEREM TRANSFORMAR O MUNDO. E GOSTAM TANTO DE LIVROS QUE SÃO CAPAZES DE OS LIBERTAR PARA QUE OUTROS OS RECOLHAM, LEIAM E VOLTEM A SOLTAR. É O PRAZER PARTILHADO DA LEITURA.

- 5 Se encontrar um livro à solta, recolha-o. No interior, poderá ler: «Não estou perdido. Sou um livro e vim parar às tuas mãos para que me leias e me passes a outro leitor». É este o espírito do *Bookcrossing*, movimento que surgiu nos EUA, em 2001, e que rapidamente cativou adeptos em todo o mundo.

- 10 Como funciona? Deixa-se um livro num espaço público, para que seja encontrado por outros, que continuarão a cadeia de leitura. Os livros estão identificados com uma etiqueta, que regista o seu percurso, e a lista de livros à solta encontra-se disponível em www.bookcrossing.com.

- 15 «É uma emoção receber uma mensagem de correio eletrónico com notícias de um livro libertado na rua, saber que encontrou novos leitores e que fez alguém feliz», diz Teresa Laranjeiro, responsável pelo sítio de apoio português. Bibliotecária em Lisboa e leitora compulsiva, descobriu o movimento há quatro anos. O primeiro adepto luso deste movimento foi registado em 2001, e Portugal é hoje o décimo país com mais membros, ultrapassando 10 mil inscrições – os EUA lideram o *ranking*¹, com mais de 287 mil participantes.

- 20 Comunidade de apaixonados pela leitura, com a ambição de tornar o mundo numa biblioteca gigante, o *Bookcrossing* rege-se por três práticas: ler um livro; registá-lo, atribuindo-lhe um número de identificação e colando-lhe uma etiqueta; libertá-lo, para que seja encontrado por outra pessoa.

Por todo o mundo, existem locais estabelecidos pelos adeptos para libertar e encontrar livros. Em Portugal, estão registados 47, de Viana do Castelo a Faro, da Madeira a Coimbra. Normalmente, os livros são encontrados, mas apenas 10 a 20 por cento recebem comentários indicando o seu caminho.



1. Para cada um dos itens que se seguem (1.1. a 1.5), escolhe a letra correspondente à alternativa que completa cada afirmação de acordo com o sentido do texto.

1.1. A afirmação que melhor resume o espírito do *Bookcrossing* é

- (A) se um livro é caro, não o devemos perder de vista.
- (B) se gostamos de livros, não os devemos estragar.
- (C) se um livro nos cativa, não o devemos guardar só para nós.
- (D) se queremos uma biblioteca, não devemos emprestar livros.

1.2. Na expressão «por outros» (linha 8), a palavra «outros» deve ser entendida como

- (A) outros espaços.
- (B) outros livros.
- (C) outros percursos.
- (D) outros leitores.

1.3. Teresa Laranjeiro é apresentada como «leitora compulsiva» (linha 13), o que significa que se trata de alguém que

- (A) obriga as outras pessoas a lerem.
- (B) lê apenas em certas ocasiões.
- (C) sente sempre necessidade de ler.
- (D) lê somente por obrigação.

1.4. A expressão «a ambição de tornar o mundo numa biblioteca gigante» (linhas 17 e 18) contém uma

- (A) personificação.
- (B) hipérbole.
- (C) antítese.
- (D) enumeração.

1.5. Na expressão «estão registados 47» (linha 22), o número representa a quantidade de

- (A) lugares destinados a deixar e a recolher livros.
- (B) adeptos portugueses do *Bookcrossing*.
- (C) livros encontrados pelos adeptos do movimento.
- (D) países onde se pratica o *Bookcrossing*.



Lê atentamente o excerto que se segue e responde, de forma clara e correta, às questões que te são colocadas.

Vem o Fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

FIDALGO	Esta barca onde vai ora, que assi está apercebida?
DIABO	Vai pera a ilha perdida e há-de partir logo ess'ora.
FIDALGO	Pera lá vai a senhora?
DIABO	Senhor, a vosso serviço.
FIDALGO	Parece-me <u>isso</u> cortiço...
DIABO	Porque a vedes lá de fora.
FIDALGO	Porém, a que terra passais?
DIABO	Pera o Inferno, senhor.
FIDALGO	Terra é bem sem-sabor.
DIABO	Quê? E também cá zombais?
FIDALGO	<u>E</u> passageiros achais pera tal habitação?
DIABO	Vejo-vos <u>eu</u> em feição pera ir ao nosso cais...
FIDALGO	Parece-te a ti assi.
DIABO	Em que esperas ter guarida?
FIDALGO	Que leixo na outra vida quem reze sempre por mi.
DIABO	Quem reze sempre por ti!... Hi hi hi hi hi hi hi!... E tu viveste a teu prazer, <u>cuidando</u> cá guarecer por que rezem lá por ti? (...)
FIDALGO	A estoutra barca me vou. — <u>Hou</u> da barca! Para onde is? Ah, barqueiros! Não me ouvis? <u>Respondei</u> -me! Houlá! Hou! (...)
ANJO	Que quereis?
FIDALGO	Que me digais, pois parti tão sem aviso, se a barca do Paraíso é esta em que navegais.
ANJO	Esta é; que demandais?
FIDALGO	Que me leixeis embarcar. Sou fidalgo de solar, é bem que me recolhais.
ANJO	Não se embarca <u>tirania</u> neste batel divinal.
FIDALGO	Não sei porque haveis por <u>mal</u> que entr'a minha senhoria...
ANJO	Pera vossa fantasia mui estreita é esta barca.

FIDALGO	Pera senhor de tal marca nom há aqui <u>mais</u> cortesia? Venha prancha e atavio! Levai-me desta ribeira!
ANJO	Não vindes vós de maneira pera ir neste navio. Essoutro vai mais <u>vazio</u> : a cadeira entrará e o rabo caberá e todo <u>vosso</u> senhorio. Vós <u>ireis</u> mais espaçoso com fumosa senhoria. cuidando na tirania do pobre povo queixoso; e porque, de generoso, desprezastes os pequenos, Achar-vos-eis tanto menos quanto mais fostes fumoso.
DIABO	À barca, à barca, senhores! Oh! que maré tão de prata! Um ventezinho que mata e valentes remadores! (...)
FIDALGO	Ao Inferno todavia! Inferno há i pera mi? Ó triste! Enquanto vivi não cuidei que o i havia. Tive que era fantasia; folgava ser adorado; confiei em meu estado e não vi que me perdia.
DIABO	Venha essa prancha! Veremos esta barca de tristura. Embarque a vossa doçura, que cá nos entenderemos... Tomarês um par de remos, veremos como remais, e, chegando ao nosso cais, todos bem vos serviremos. (...)
<i>Auto da Barca do Inferno,</i> Gil Vicente 	

GRUPO III

1. Refere o modo literário a que pertence o texto transcrito e apresenta duas características que justifiquem a tua resposta.
2. Justifica o facto de o Fidalgo ser a primeira personagem a entrar em cena e refere quais os elementos cénicos que a personagem traz consigo, indicando a sua simbologia.
3. Ao ser interpelado pelo Diabo e pelo Anjo, o Fidalgo usa diferentes argumentos de defesa.
 - 3.1. Indica-os.
4. O estado de espírito do Fidalgo vai-se alterando à medida que a “cena” se desenvolve.
 - 4.1. Justifica a afirmação anterior e dá exemplos.
5. No final, o Fidalgo é condenado ao Inferno.
 - 5.1. De que crimes é acusado?
6. Explica por que razão o Diabo utiliza muitas vezes o eufemismo e a ironia. Dá um exemplo para cada caso.
7. Uma das inovações de Gil Vicente é a introdução de personagens-tipo e alegóricas nas suas peças.
 - 7.1. Tendo por base a “cena” que leste, comprova a veracidade da afirmação anterior.
8. Partindo da “cena” que acabaste de ler, explica por que razão se aplica ao Auto da Barca do Inferno a expressão latina “*ridendo castigat mores*”.

GRUPO IV

1. Faz a análise morfológica das palavras sublinhadas na “cena” do Fidalgo.
2. Analisa sintaticamente as frases seguintes:
 - 2.1. Quando chegou, o Fidalgo considerou aquela barca um cortiço.
 - 2.2. O Fidalgo, representante da nobreza exploradora, continuava desiludido por ter morrido cedo.
 - 2.3. O Fidalgo foi julgado pelo Diabo, sem piedade.
3. Classifica os diferentes tipos de sujeito presentes nas frases seguintes.
 - 3.1. Faz pouco tempo que o Fidalgo morreu.
 - 3.2. Eles decidiram acusá-lo.
 - 3.3. O Anjo e o Diabo não perdoaram os seus pecados.
 - 3.4. Durante o interrogatório, disse que era uma pessoa importante.
 - 3.5. Há muitas personagens que vão para o Inferno.
 - 3.6. Ainda hoje se pensa que Gil Vicente foi inovador.

GRUPO V



Como sabes, uma das personagens que mais se destaca no **Auto da Barca do Inferno** é o Diabo.

Tendo por base as “cenas” estudadas em aula, escreve uma página do seu diário pessoal.

Não te esqueças de obedecer à estrutura desse tipo de texto e sê criativo!

O teu texto deve ter entre 120 a 170 palavras.

Correção da ficha de avaliação – 9º ano

Grupo I

1. V
2. F – O aparecimento do Adamastor provoca terror nos marinheiros portugueses.
3. V
4. F – Pela sua ousadia, o gigante diz que castigará todos quantos, após aquele momento, passem nas suas águas.
5. F – As profecias do gigante referem-se a acontecimentos futuros (prolepse).
6. V
7. F – Este é um episódio simbólico.
8. V
9. V
10. F – A força da tempestade tem efeitos nas naus portuguesas, na natureza e nos animais.
11. F – Vasco da Gama dirige uma prece sentida a Deus.
12. F – Neste episódio misturam-se o maravilhoso pagão (Vénus e as ninfas) e o maravilhoso cristão (Deus).

Grupo II

- 1.1 C
- 1.2 D
- 1.3 C
- 1.4 B
- 1.5 A

Grupo III

1. O texto transcrito pertence ao modo dramático, pois é uma peça de teatro (o objetivo é ser representada) e apresenta didascálias e discurso dramático.
2. O Fidalgo é a primeira personagem a entrar em cena, já que pertence à nobreza, a classe social mais prestigiante.
Os elementos cénicos que traz consigo são um pajem, uma cadeira de espaldas e um “rabo mui comprido”.
- 3.1. Ao ser interpelado pelo Diabo e pelo Anjo, o Fidalgo defende-se dizendo que deixou em terra quem rezasse por ele e que é “fidalgo de solar”.
- 4.1. O estado de espírito do Fidalgo vai-se alterando à medida que a cena se desenrola, porque, no início, está convencido da sua salvação, devido ao seu estatuto social. Por isso, mostra toda a sua soberba e superioridade: “Sou fidalgo de solar,/ é bem que me recolhai.”.
No final, mostra-se mais triste e resignado com a condenação ao Inferno, perdendo, assim, um pouco da sua altivez: “Ó triste! Enquanto vivi/ não cuidei que o i havia.”.
- 5.1. O Fidalgo é acusado de ser tirano, vaidoso, de desprezar os mais fracos, de ser um falso religioso e de ter vivido a seu prazer.
6. O Diabo utiliza muitas vezes o eufemismo, porque não quer assustar os seus passageiros. Assim, diz-lhes de uma forma mais suave que a sua barca vai para o Inferno: “Vai pera a ilha perdida”.

Também utiliza frequentemente a ironia, pois o seu objetivo é gozar com as personagens que não têm, geralmente, noção dos pecados que cometeram e acham-se todas merecedoras de salvação: “Embarque vossa doçura”.

7.1. O Fidalgo é uma personagem-tipo, já que representa todos os fidalgos e não apenas a ele próprio. Gil Vicente quis assim criticar toda a nobreza.

As personagens alegóricas são também uma inovação de Gil Vicente, uma vez que ele introduziu nesta peça de teatro o Diabo, que representa o Mal, e o Anjo, que representa o Bem.

8. A expressão latina “ridendo castigat mores” pode aplicar-se ao Auto da Barca do Inferno, porque o objetivo de Gil Vicente era, através do riso, criticar o que estava mal na sociedade, para que ela se pudesse corrigir.

Na “cena” do Fidalgo, através da utilização dos cómicos de linguagem e de situação, o dramaturgo pretende criticar todos os fidalgos da época e fazer-lhes ver que o facto de serem tiranos, vaidosos, exploradores e falsos religiosos estava errado e que era necessário melhorarem a sua maneira de agir.

Grupo IV

1.1. Isso – pronome demonstrativo, invariável

mais – advérbio de quantidade

vazio – adjetivo no grau comparativo de superioridade, masculino, singular

mal – advérbio de modo

respondei – forma verbal do verbo responder, no Presente do Imperativo, 2ª pessoa do plural

ireis - forma verbal do verbo levar, no Futuro do Indicativo, 2ª pessoa do plural

cuidando – forma verbal do verbo cuidar, no Gerúndio

tiranía – nome abstrato, feminino, singular

eu – pronome pessoal de sujeito, 1ª pessoa do singular

e – conjunção coordenativa copulativa

hou – interjeição de chamamento

vosso – determinante possessivo, masculino, singular

2.1. Quando chegou – C.C. Tempo

o Fidalgo – Sujeito

considerou aquela barca um cortiço – Predicado

aquela barca – C. Direto

um cortiço – Predicativo do C. Direto

2.2. O Fidalgo – Sujeito

representante da nobreza exploradora – Aposto

da nobreza exploradora – C. Determinativo

exploradora – Atributo

continuava desiludido – Predicado Nominal

desiludido – Predicativo do Sujeito

por ter morrido cedo – C.C. Causa

2.3. O Fidalgo – Sujeito Passivo

foi julgado – Predicado

pelo Diabo – Agente da Passiva

sem piedade – C. C. Modo

3.1. Sujeito inexistente

3.2. Sujeito simples (eles)

3.3. Sujeito composto (o Anjo e o Diabo)

3.4. Sujeito subentendido (o Fidalgo)

3.5. Sujeito inexistente

3.6. Sujeito indeterminado